



Imaginário tecnológico e formação humana: um breve ensaio sobre inteligência artificial

Ademar de Oliveira França, Alexandre Jordao Baptista

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão filosófica sobre a Inteligência Artificial no contexto educacional, a partir da noção de imaginário desenvolvida por Jean-Jacques Wunenburger. Parte-se da ideia de que o imaginário é uma dimensão fundamental da experiência humana e da formação cultural, responsável por mediar a relação entre razão, técnica e processos de simbolização, incluindo os processos de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, a Inteligência Artificial não é compreendida apenas como um conjunto de recursos técnicos ou computacionais aplicados à educação, mas como uma construção simbólica que mobiliza imagens, mitos e narrativas amplamente difundidas na cultura contemporânea. Tais imagens influenciam a maneira como a sociedade e a escola percebem a tecnologia, orientando práticas pedagógicas, expectativas formativas e modos de pensar o futuro da educação.

O objetivo do texto é discutir como esse imaginário tecnológico incide sobre a formação humana no âmbito educacional, tanto no plano cognitivo quanto nos âmbitos ético e cultural, destacando a importância de uma abordagem crítica da técnica que preserve sua dimensão humanizadora.

Palavras-chave: Imaginário; Inteligência Artificial; Técnica; Formação Humana; Filosofia Contemporânea.

1. A ESPECIFICIDADE DO IMAGINÁRIO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Antes de analisar o imaginário que envolve a Inteligência Artificial, é necessário delimitar, ainda que de modo introdutório, o que se entende por Inteligência Artificial – IA. De forma geral, trata-se de um conjunto de tecnologias desenvolvidas para permitir que máquinas e sistemas computacionais realizem operações tradicionalmente associadas às capacidades humanas. Nesse sentido, Stryker e Kavlakoglu definem a Inteligência Artificial nos seguintes termos:

Inteligência artificial (IA) é uma tecnologia que permite que computadores e máquinas simulem o aprendizado, a compreensão, a resolução de problemas, a tomada de decisões, a criatividade e a autonomia dos seres humanos (Stryker, Kavlakoglu, 2024).

Essa definição evidencia um aspecto central para a compreensão do imaginário da Inteligência Artificial–IA, sua incidência direta sobre funções historicamente vinculadas à racionalidade humana. Diferentemente de instrumentos técnicos clássicos, cuja finalidade principal era ampliar a força física ou otimizar a eficiência operacional do trabalho, a Inteligência Artificial atua no plano simbólico e cognitivo, simulando processos como o pensamento, a linguagem, a memória e a tomada de decisões.

Essa especificidade da Inteligência Artificial, que a distingue das tecnologias técnicas tradicionais, pode ser melhor compreendida quando se observa sua relação singular com os dados e com os processos de interpretação da informação. Nesse sentido, a seguinte afirmação ajuda a explicitar o lugar diferenciado que a IA ocupa no cenário tecnológico contemporâneo.

Em comparação com tecnologias convencionais, a IA ocupa posição de destaque em termos de sua capacidade de interpretação e reação a dados, que (para fins de IA) são documentados, gerados e armazenados em dispositivos eletrônicos; os dados começam a se comunicar uns com os outros e a gerar o que chamamos de big data (Kriebitz, Lütge e Wimmer, 2023, p.35).

Essa capacidade de lidar com grandes volumes de dados e de estabelecer relações entre eles reforça o caráter simbólico e cognitivo atribuído à Inteligência Artificial no imaginário contemporâneo. Ainda que tais operações não impliquem compreensão ou intencionalidade em sentido humano, elas produzem efeitos que se aproximam, no plano da aparência, de atividades tradicionalmente associadas à racionalidade. É justamente essa simulação do pensar que alimenta narrativas de autonomia e inteligência próprias da máquina, intensificando tanto expectativas de progresso quanto receios éticos. Assim, a Inteligência Artificial–IA se afirma como uma tecnologia que ultrapassa a mera funcionalidade instrumental, passando a ocupar um lugar simbólico central nas formas atuais de compreender o conhecimento, a técnica e o próprio humano.

No entanto, essa capacidade técnica não surge de modo espontâneo ou isolado, tampouco pode ser compreendida apenas como resultado do avanço instrumental ou científico. Ela encontra seu fundamento na própria imaginação humana, entendida como uma dimensão constitutiva da atividade criadora. Nesse sentido, Vigotsky destaca o papel estruturante da imaginação ao afirmar que: “Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se sem dúvidas, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e técnica” (Vigotsky, 2009, p. 14).

Essa afirmação permite compreender que a imaginação não ocupa um lugar secundário ou acessório na produção humana, mas constitui o solo a partir do qual se tornam possíveis as diversas formas de criação cultural. Desde sempre, o ser humano imaginou aquilo que ainda não podia realizar. Antes de voar, imaginou o voo; antes de atravessar grandes distâncias instantaneamente, imaginou a teletransporte; antes de máquinas pensarem, imaginou artefatos capazes de raciocinar, falar e decidir. Esses exemplos evidenciam que a técnica não nasce apenas da necessidade prática, mas também da capacidade humana de projetar o inexistente e antecipar o futuro.

À luz de Vigotsky, a imaginação amplia os horizontes do possível ao permitir que o ser humano combine experiências passadas, reelabore o real e produza novas formas de ação sobre o mundo. É por meio desse processo que invenções científicas e tecnológicas se tornam pensáveis antes mesmo de se tornarem realizáveis. A imaginação, portanto, não se opõe à racionalidade técnica; ao contrário, ela a precede, a sustenta e a orienta.

Nesse sentido, a própria concepção da Inteligência Artificial pode ser compreendida como um desdobramento desse movimento criador. Antes de existir como tecnologia concreta, a IA foi imaginada como possibilidade: máquinas capazes de aprender, decidir, comunicar-se e agir de modo autônomo. Essa antecipação imaginativa, presente em mitos, narrativas filosóficas e ficções científicas, criou o espaço simbólico necessário para que tais ideias fossem, posteriormente, traduzidas em linguagem científica e em dispositivos técnicos.

A centralidade da imaginação nesse processo pode ser compreendida já a partir de seu significado mais elementar. Conforme definido no dicionário, imaginação corresponde ao “processo mental que consiste em evocar ou construir imagens”, sendo também entendida como “capacidade de criar, inventar, criatividade” (Bechara, 2011, p. 681). Essa definição ressalta que a imaginação não se limita a uma atividade fantasiosa ou desvinculada da realidade, mas constitui uma faculdade criativa fundamental da mente humana.

Compreendida desse modo, a imaginação permite ao ser humano conceber aquilo que ainda não existe, formular hipóteses, antecipar soluções e projetar novas formas de ação sobre o mundo. É ela

que torna possível imaginar máquinas inteligentes antes mesmo de elas se tornarem tecnicamente viáveis. Assim, a criação tecnológica não começa nos laboratórios ou nos códigos computacionais, mas no plano das imagens mentais, das ideias e das possibilidades concebidas pela imaginação.

Dessa forma, a Inteligência Artificial pode ser vista como resultado de um longo processo no qual a imaginação humana desempenha papel decisivo. Ao possibilitar a invenção e a criatividade, a imaginação sustenta o avanço técnico e científico, mostrando que toda tecnologia, por mais sofisticada que seja, tem sua origem em uma capacidade humana básica: a de imaginar o novo e transformar o imaginado em realidade concreta.

Se a imaginação pode ser compreendida como uma capacidade individual de criar imagens, ideias e possibilidades, é preciso reconhecer que essas criações não permanecem restritas à esfera subjetiva. Quando compartilhadas, transmitidas e socialmente elaboradas, elas passam a integrar um campo simbólico mais amplo: o imaginário coletivo. É nesse movimento que as imagens produzidas pela imaginação individual se transformam em narrativas, símbolos e representações socialmente significativas.

Dessa forma, a criação e o desenvolvimento da Inteligência Artificial não podem ser explicados apenas a partir da imaginação de indivíduos isolados, como cientistas ou engenheiros, mas devem ser compreendidos no interior de um imaginário coletivo que, ao longo do tempo, alimentou expectativas, desejos e temores em relação às máquinas inteligentes. A ideia de artefatos capazes de pensar, aprender e agir de forma autônoma circula socialmente muito antes de sua concretização técnica, sendo continuamente reelaborada por mitos, obras literárias, produções artísticas e discursos científicos.

Isso significa que as imagens produzidas pela imaginação individual, quando compartilhadas, repetidas e socialmente elaboradas, ultrapassam o plano subjetivo e passam a integrar um campo simbólico mais amplo. É nesse movimento que a imaginação se transforma em imaginário: um conjunto de representações coletivas que orienta a maneira como uma sociedade pensa, sente e interpreta determinados fenômenos. Para compreender esse processo de passagem da imaginação individual para o imaginário coletivo, torna-se necessário recorrer a uma abordagem teórica que dê conta dessa dimensão simbólica compartilhada.

É precisamente nesse ponto que a noção de imaginário, tal como elaborada por Jean-Jacques Wunenburger, torna-se fundamental. Para o autor, o imaginário não se reduz a um conjunto de imagens fantasiosas ou irreais, mas constitui um campo simbólico amplo, no qual se articulam representações, crenças, narrativas e produções culturais que estruturam a maneira como os indivíduos e as sociedades atribuem sentido ao mundo. Nesse horizonte, o imaginário abrange tanto

expressões pré-científicas quanto construções modernas, atravessando diferentes domínios da vida social e cultural. É nesse contexto que Wunenburger afirma:

Fazem parte do imaginário as concepções pré-científicas, a ficção científica, as crenças religiosas, as produções artísticas que inventam outras realidades (pintura não-realista, romance etc.), as ficções políticas, os estereótipos e preconceitos sociais etc (Wunenburger, 2007, p.7).

Essa concepção permite compreender que o imaginário não está dissociado da racionalidade técnica ou científica, mas a acompanha, orienta e, muitas vezes, a antecede. À luz dessa perspectiva, a Inteligência Artificial, embora se inscreva no campo mais amplo da tecnologia, mobiliza um imaginário específico que a distingue de outras formas técnicas historicamente conhecidas.

Essa incidência sobre capacidades simbólicas e cognitivas explica por que a Inteligência Artificial ocupa um lugar privilegiado no imaginário contemporâneo. Ela não é percebida apenas como uma ferramenta técnica, mas frequentemente como uma entidade dotada de certa autonomia simbólica, capaz de rivalizar, complementar ou até substituir o humano em suas competências intelectuais. Tal percepção não decorre exclusivamente de suas possibilidades técnicas reais, mas, sobretudo, das imagens, narrativas e expectativas que a envolvem, amplamente difundidas pela ficção científica, pelo discurso midiático.

Nesse contexto, torna-se possível compreender que o imaginário não se limita à experiência individual, mas assume uma dimensão coletiva e histórica. Como afirma Wunenburger, “é possível falar do imaginário de um indivíduo, mas também do de um povo, expresso no conjunto de suas obras e crenças” (Wunenburger, 2007, p.7). Essa afirmação é particularmente elucidativa para a compreensão da Inteligência Artificial, pois permite reconhecer que, embora a IA tenha sido inicialmente pensada, projetada e desenvolvida por indivíduos ou grupos específicos, ela rapidamente passou a integrar o imaginário coletivo das sociedades contemporâneas.

Do ponto de vista do surgimento da IA, pode-se dizer que as imagens, expectativas e representações associadas a essa tecnologia extrapolam o campo técnico e científico, tornando-se parte da experiência social compartilhada. Hoje, a Inteligência Artificial não é apenas um objeto de reflexão teórica ou de ficção, mas uma presença concreta no cotidiano das pessoas, influenciando práticas educacionais, relações comerciais, estratégias de marketing, formas de comunicação e processos de tomada de decisão. Esse uso crescente contribui para a consolidação de um imaginário coletivo em torno da IA, no qual ela é frequentemente percebida como solução eficiente, promessa de progresso ou, em alguns casos, como ameaça à autonomia humana.

Assim, o imaginário da Inteligência Artificial é construído e continuamente alimentado tanto pelas experiências concretas de uso quanto pelas narrativas simbólicas que a cercam. Ele expressa, ao mesmo tempo, a confiança no potencial da técnica para melhorar a vida social e o receio diante de seus efeitos imprevisíveis. Compreender a IA a partir dessa perspectiva permite reconhecer que seu significado não se esgota em suas funções técnicas, mas se constitui no interior de um imaginário coletivo que orienta a forma como indivíduos e povos pensam, utilizam e atribuem sentido a essa tecnologia no mundo contemporâneo.

Assim, a Inteligência Artificial não representa simplesmente mais um avanço tecnológico entre outros, mas configura-se como uma tecnologia singular, cujo impacto simbólico afeta diretamente a compreensão contemporânea do que significa ser humano. É precisamente essa carga imaginária específica composta de promessas, fantasias, receios e projeções simbólicas que torna a IA um objeto privilegiado de reflexão filosófica no campo do imaginário, conforme o arcabouço teórico proposto por Jean-Jacques Wunenburger.

3. IMAGINÁRIO TECNOLÓGICO E FORMAÇÃO HUMANA: QUESTÕES FILOSÓFICAS

A formação humana não se constitui apenas pela aquisição de habilidades técnicas, mas também pela incorporação de imagens, valores e narrativas que orientam a compreensão que o sujeito elabora de si mesmo e do mundo.

Nesse sentido, o imaginário tecnológico associado à Inteligência Artificial passa a integrar os processos formativos contemporâneos. Ora, não seriam essas imagens técnicas parte de um repertório simbólico mais amplo que influencia modos de pensar, aprender e interpretar a realidade? Ao naturalizá-las no cotidiano educativo, não se estaria também assimilando determinadas concepções de racionalidade e eficiência?

No debate atual sobre a Inteligência Artificial — IA, especialmente diante do rápido avanço das tecnologias digitais, têm se multiplicado discursos que, por um lado, apresentam a IA como sinal de uma nova era pós-humana e, por outro, a tratam como uma ameaça à autonomia e à singularidade do ser humano. Em meio a essas posições extremas, marcadas por expectativas e temores, torna-se necessário adotar uma abordagem crítica, capaz de evitar tanto a idealização excessiva quanto as interpretações alarmistas. É nessa perspectiva que Marcondes propõe uma leitura que recoloca a Inteligência Artificial no interior da própria condição humana, rejeitando a ideia de que ela represente uma superação do humano. A autora afirma:

Ela é apenas mais uma criação humana e não a superação do humano. Neste texto, a ênfase está na IA generativa, aquela capaz de criar conteúdo como textos, vídeos, áudios a partir de solicitações ou comandos enviados pelos usuários, os prompts (Marcondes, 2025, P. 3).

A afirmação de Marcondes contribui para desmistificar o imaginário que envolve a Inteligência Artificial, ao reafirmar sua natureza derivada e dependente da ação humana. Ainda que a IA generativa seja capaz de produzir conteúdos complexos e sofisticados, sua operação permanece ancorada em estruturas algorítmicas, bases de dados e comandos fornecidos por sujeitos humanos. Desse modo, a criatividade atribuída à IA não pode ser compreendida como autonomia plena ou intencionalidade própria, mas como resultado de processos técnicos orientados por escolhas, valores e finalidades humanas.

Nesse sentido, ao reconhecer que a Inteligência Artificial opera como um sistema técnico dependente de estruturas algorítmicas e de decisões humanas, torna-se indispensável problematizar os impactos éticos e normativos de sua aplicação social. Ainda que a IA seja frequentemente apresentada como solução para desafios globais, sua inserção concreta na vida social pode gerar tensões relevantes com os valores que orientam a civilização contemporânea. É a partir dessa perspectiva crítica que Kriebitz, Lütge e Wimmer adverte:

Embora a IA certamente contribua para a realização de vários objetivos sociais e ambientais, como os Objetivos de Desenvolvimento Social da Organização das Nações Unidas (ONU), ainda existe o risco de conflito entre os fundamentos normativos de nossa civilização e o uso concreto da IA (Kriebitz, Lütge e Wimmer, 2023, p.353).

A advertência dos autores reforça a compreensão de que os dilemas associados à Inteligência Artificial não decorrem de uma suposta autonomia moral ou criatividade intrínseca da tecnologia, mas das formas como ela é concebida, programada e utilizada por sujeitos humanos. Sendo a IA um artefato de dispositivo técnico desprovido de intencionalidade própria, os possíveis conflitos normativos emergem das escolhas humanas que orientam seus usos e aplicações. Nesse contexto, o imaginário que atribui à IA capacidades tipicamente humanas pode funcionar como um fator de obscurecimento da responsabilidade ética, deslocando o debate dos agentes reais para a própria tecnologia. Assim, a reflexão filosófica sobre a IA exige não apenas a análise de seus aspectos técnicos, mas, sobretudo, a problematização dos valores, finalidades e critérios normativos que regulam sua inserção na vida social.

Nesse horizonte de análise, torna-se necessário problematizar não apenas as capacidades técnicas da Inteligência Artificial, mas sobretudo o lugar que a técnica passa a ocupar nas decisões que

estruturam a vida social. Quando sistemas tecnológicos começam a mediar escolhas que envolvem direitos, recursos públicos e políticas sociais, emerge o risco de um deslocamento do debate ético e político para uma lógica estritamente técnica. É a partir dessa preocupação que se insere a crítica formulada por Marcondes, ao alertar para os efeitos de uma racionalidade técnica que tende a se impor sobre as dimensões sociais, políticas e humanas da vida coletiva:

A técnica ignora as questões sociais, as necessidades básicas das pessoas, a proteção aos direitos, o uso do dinheiro público para os problemas públicos, a elaboração de políticas públicas. É a técnica suplantando o poder político (Marcondes, 2025, P. 5).

Essa crítica reforça a necessidade de recolocar o ser humano no centro das decisões que envolvem o uso da Inteligência Artificial. Máquinas não compreendem direitos humanos, justiça social ou bem comum; elas apenas executam comandos e reproduzem padrões definidos por interesses humanos específicos. Quando a técnica suplanta o poder político, corre-se o risco de enfraquecer a deliberação ética e democrática, transferindo para sistemas algorítmicos decisões que deveriam ser debatidas publicamente. Assim, refletir filosoficamente sobre a IA, no contexto dos direitos humanos, implica reconhecer seus limites técnicos e simbólicos, reafirmando que a tecnologia deve servir à dignidade humana, e não substituí-la como critério de orientação da vida social.

No contexto educativo, o imaginário da Inteligência Artificial abre novas possibilidades de mediação do conhecimento. Mas como integrar essas mediações sem reduzir o ato de aprender a processos automatizados? De que maneira a presença crescente da IA na educação pode conviver com a formação da imaginação, do pensamento crítico e da sensibilidade simbólica, elementos centrais da experiência humana?.

Uma possibilidade de resposta a essas questões está na compreensão do papel do imaginário no processo educativo. Integrar a Inteligência Artificial à educação não significa reduzir o aprendizado a procedimentos automáticos, desde que o ensino seja orientado por uma concepção que valorize a imaginação, os símbolos, as narrativas e a dimensão cultural do conhecimento. Nesse sentido, o imaginário educacional surge como uma mediação fundamental, capaz de articular o uso de tecnologias digitais com a formação do pensamento crítico, da sensibilidade simbólica e da experiência humana do aprender.

O imaginário educacional é uma modalidade, ou uma especificação, daquilo que denominamos de imaginário bidimensional: imaginário sócio-cultural (ideologia, utopia, metáforas) e imaginário arquetipal (mitos, símbolos, arquétipos-imagens arquetípicas) (Wunenburger; Araújo, 2006, p. 26).

A partir dessa concepção, a presença da Inteligência Artificial na educação pode ser compreendida não como substituição do ato humano de ensinar e aprender, mas como um recurso mediador inserido em um universo simbólico mais amplo. O imaginário educacional permite que a IA seja utilizada de forma crítica e criativa, integrando conteúdos técnicos às dimensões culturais, simbólicas e arquetípicas que estruturam a formação humana. Assim, em vez de empobrecer a experiência educativa, a tecnologia pode ampliar as possibilidades de sentido, desde que orientada por valores pedagógicos que reconheçam a centralidade da imaginação, da cultura e da interpretação na construção do conhecimento.

No campo educativo, a presença da Inteligência Artificial amplia as possibilidades de mediação do conhecimento, mas não substitui a experiência formativa humana. A partir do imaginário educacional, compreende-se que a técnica reorganiza o modo de ensinar e aprender, sem eliminar aquilo que é essencial à formação: a capacidade de imaginar, criar, interpretar e atribuir sentido. A educação continua sendo um processo simbólico e cultural, no qual o aprendizado depende da interação humana e da construção compartilhada de significados, dimensões que nenhuma tecnologia pode assumir plenamente.

Dessa forma, uma abordagem filosófica da Inteligência Artificial, orientada pela teoria do imaginário, destaca a importância de privilegiar a criação humana no uso das tecnologias educacionais. Conviver com a IA torna-se uma necessidade no mundo contemporâneo, mas essa convivência não pode ser passiva nem delegar à máquina todas as tarefas do pensar. A IA pode apoiar, sugerir e mediar, mas é o ser humano quem cria, interpreta e decide. Quando o uso da tecnologia é orientado pelo imaginário educacional, ela deixa de empobrecer a experiência formativa e passa a estimular a reflexão, a criatividade e o pensamento crítico.

Nesse sentido, reconhecer a Inteligência Artificial como mediação simbólica implica afirmar o protagonismo humano no processo educativo. A técnica deve ser orientada por valores pedagógicos e culturais que reafirmem a centralidade da imaginação e da criatividade humanas. Assim, viver com a IA não significa submeter-se a ela, mas integrá-la de forma consciente e crítica, preservando o imaginário como dimensão fundamental da experiência educativa e da formação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alberto Filipe Ribeiro de Abreu. **Quando o imaginário se diz educacional**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online], Brasília, v. 91, n. 229, p. 679-705, set./dez. 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2176-66812010000300013&lng=pt&nrm=is. Acesso em 10 de 21.dez.2025.

KRIEBITZ, Alexander, LÜTGE, Christoph, WIMMER, Miriam. **Inteligência Artificial e Direitos Humanos: uma avaliação ética nos negócios**. RDP, Brasília, Volume 20, n. 106, 351-384, abr./jun.2023. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/7329/3078>. Acesso em: 21.dez.2025

MARCONDES, Ofélia Maria. **A quem interessa nosso medo da Inteligência Artificial (IA)?**: colonialidade, poder e educação. EccoS – Rev. Cient., São Paulo, n. 75, p. 1-14, e29804, out./dez. 2025. Disponível em: file:///C:/Users/user/Desktop/EccoS_n75_29804_PT.pdf. Acesso em 20.dez.2025

STRYKER, Cole, KAVLAKOGLU, Eda. **O que é inteligência artificial?**. IBM - International Business Machines Corporation. 9 de agost., 2024. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/artificial-intelligence>. Acesso em: 20.dez.2025

VIGOTSKY, Lev. S. Imaginação e criação na infância: (Ensaio psicológico). São Paulo: ática, 2009. P 11-18

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

WUNENBURGER, Jean-Jacques, ARAÚJO, Filipe Alberto. **Educação e imaginário**: introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez, 2006

Autor:

Ademar de Oliveira França

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão

Plataforma Lattes:<http://lattes.cnpq.br/3408396725192588>

Alexandre Jordao Baptista - Orientador

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Católica do Rio de Janeiro

Plataforma Lattes:<http://lattes.cnpq.br/1096965877017541>